

Scherer condena ação do Cimi e Iasi elogia Funai

Da sucursal e dos
correspondentes

Ao mesmo tempo que um padre do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), numa atitude provavelmente inédita, fazia um elogio público à Funai, o cardeal Vicente Scherer dirigiu duras críticas, ontem, em **Porto Alegre**, ao órgão da Igreja encarregado de atuar junto aos índios. O elogio à Funai partiu do secretário geral do Cimi, padre Antônio Iasi Júnior, que em Culabá, aplaudiu a escolha, para a direção do Departamento Geral de Operações do órgão, do sertanista Gerson Silva, "um homem que tem grande conhecimento da problemática indígena, graças a seu trabalho de base". Ele também louvou a atuação da Funai no processo instaurado na comarca de Barra do Garças, Mato Grosso, para apurar quem são os responsáveis pela invasão da aldeia de Merure, onde morreram o padre Rodolfo Lunkenbein e um índio, em julho do ano passado. As declarações de Iasi, porém, destoaram da posição de outros padres do Cimi, que, em **Florianópolis**, voltaram a criticar a Funai.

SCHERER

Ao condenar o Cimi, em seu programa radiofônico "A Voz do Pastor", o arcebispo de Porto Alegre refutou críticas do próprio Conselho, formuladas em janeiro, numa reunião no município gaúcho de Ijuí, contra a ação da Igreja no Sul.

"Chegando com os conquistadores — segundo o documento divulgado na época pelo Cimi e reproduzido no programa por Scherer —, a Igreja do Sul, quase sempre continuou ao lado desses, assumindo a atitude colonialista, responsável pelo extermínio das populações indígenas". O cardeal lembrou também o trecho que diz que "merece severas críticas esta convivência em que a cruz e a bota marcharam juntas, como no caso dos "bandeirantes", dos "bugreiros" e das frentes de expansão". "Tamanho ousadia — afirmou Scherer — de falsificar a história e de faltar à verdade, no melhor estilo do anticlericalismo furioso de tempos remotos, dentro da filosofia volteriana, realmente não se compreende da parte de um organismo missionário e eclesial. Todo o papel difundido pelo encontro de Ijuí não encerra uma única palavra sobre a evangelização dos índios, que os heróicos missionários do passado difundiram como base da obra maravilhosa e simultânea de promoção humana que realizaram no meio da população autóctone."

D. Vicente também se referiu a esta frase do encontro de Ijuí: "A Igreja do Sul, que acumulou privilégios e posses muitas vezes às custas deste povo, ainda hoje assume posições etnocêntricas ou se omite ante os apelos e as angústias dessa gente oprimida". O cardeal considerou tais acusações "irresponsáveis e levianas, dignas dos panfletários de uma classe felizmente extinta que, cegados pela pai-

xão, em tempos passados consideravam bons e empregavam indistintamente quaisquer recursos polêmicos para agredir, ofender e prejudicar".

"Jamais — afirmou Scherer — houve um apelo, uma sugestão, um convite, um pedido de auxílio, um desejo de colaboração expresso por alguém do Cimi (à Igreja do Sul) a favor dos 4 mil índios hoje existentes no planalto do nosso Estado. Não hesitaríamos em auxiliar também nesse setor, com critérios, porém, completamente diferentes dos rumos seguidos pela atual direção do Cimi e com a condição de sua não ingerência em quaisquer iniciativas."

E disse ainda o cardeal: "No papel vindo de Ijuí, sem assinaturas, se revela com clareza a política exclusivamente polemista, secularizante e temporalista da atual direção do Cimi. A finalidade religiosa e evangelizadora das missões, único título que justifica a ação e a presença da Igreja nesse setor, está inteiramente omissa. Não esperamos a salvação dos índios e de ninguém, em primeiro lugar, de modelos econômicos e reformas sociais. Estas são as metas e responsabilidades próprias da autoridade civil. Nessa área nos faltam até, para uma ação eficiente e positiva, os recursos financeiros sem os quais se ficará em verbosagem inoperante e em papéis impressos".

NOVAS CRÍTICAS

"A Funai, por manter uma política voltada para os aumentos salariais de seus funcionários e por elaborar projetos meramente burocráticos, impossibilita os próprios chefes de postos indígenas de criar condições mais amenas de subsistência para os índios."

A afirmação é do missionário Egon Dionísio Heck que — juntamente com Egídio Schwade e Vilmar D'Angelis todos membros do Cimi — examinou, na última semana, no município catarinense de Xanxerê, os problemas dos índios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Durante o encontro foram feitas sérias críticas à atuação da Funai. Segundo levantamento dos missionários 80 por cento dos 9.000 kaingang, 1.500 guarani, 60 xokleng e 300 remanescentes de outros grupos encontram-se dispersos, fora das reservas, trabalhando em fazendas como peões ou bóias-frias. O fato deve-se especialmente, segundo eles, às péssimas condições das áreas indígenas, todas mantidas sob a responsabilidade da Funai.

Padre Egon também denunciou os elevados salários dos funcionários da Funai, seus prédios luxuosos, e, em contrapartida, o fato de que o patrimônio indígena "continua em franca destruição". "Essa política de salários, acrescida da ausência de investimentos em projetos e atividades que beneficiam diretamente o índio, conduz muitos funcionários, possivelmente bem intencionados, a se preocupar estritamente em aplicar seus rendimentos na compra de fazendas, apartamentos ou outros bens."